

ESSE NEGRO NA SALA DE AULA: olhares e experiências de estudantes africanos no Maranhão

**That black in the classroom: looks and experiences of African students
in Maranhão**

**Este negro en la sala de clase: miradas y experiencias de estudiantes
africanos en Maranhão**

Osmilde Augusto Miranda

Graduado em Comunicação Social-Jornalismo e Mestrando em Ciências Sociais (UFMA)
osmildemiranda@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo entender os olhares e experiências de estudantes africanos que imigraram para o Brasil em busca de melhores condições no ensino superior na diáspora. A pesquisa é construída, por sua vez, a partir da historicidade do homem negro na sociedade moderna. Doutra lado, entender a partir de entrevistas feitas junto a um grupo de estudantes de diversos países do continente africano, entre eles, Angola, Benin, Cabo-Verde, República Democrática do Congo, Guiné-Bissau e Nigéria, os olhares e experiências deles no que toca o processo de socialização que eles têm tido ou tiveram no Brasil durante as suas estadias, especificamente, na Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

Palavras-chave: Negro. Estudantes-africanos. Experiência. Diáspora.

Abstract

This article aims to understand the views and experiences of African students who immigrated to Brazil in search of better conditions in higher education in the diaspora. Research is built, in turn, from the historicity of the black man in modern society. On the other hand, to understand from interviews with a group of students from various African countries, including Angola, Benin, Cape Verde, Democratic Republic of Congo, Guinea-Bissau and Nigeria, their that touches the process of socialization that they have had or had in Brazil during their stays, specifically, at the Federal University of Maranhão-UFMA.

Keywords: Black. African-students. Experience. Diaspora.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo entender las miradas y experiencias de estudiantes africanos que emigrar a Brasil en busca de mejores condiciones en la enseñanza superior en la diáspora. La investigación es construida, a su vez, a partir de la historicidad del hombre negro en la sociedad moderna. De otro lado, entender a partir de entrevistas hechas junto a un grupo de estudiantes de diversos países del continente africano, entre ellos, Angola, Benin, Cabo Verde, República Democrática del Congo, Guinea-Bissau y Nigeria, las miradas y experiencias de ellos que toca el proceso de socialización que ellos han tenido o tuvieron en Brasil durante sus estancias, específicamente, en la Universidad Federal de Maranhão-UFMA.

Palabras clave: Negro. Estudiantes africanos. Experiencia. Diáspora.

Uma história sobre esse ‘homem negro’ na sociedade moderna

Falar desse homem negro na sociedade moderna num país cujos instrumentos da colonização foram eficazes é, portanto, recorrer a historicidade. Para isso, buscamos durante a elaboração deste artigo, entender o sujeito negro a partir de dois conceitos básicos, como a colonização e a colonialidade, que parecem muito idênticos, mas não são. Estes conceitos foram trabalhados por diversos autores em diferentes períodos de tempo. Mas, nesta pesquisa, vamos nos ater apenas em alguns. É através do pesquisador Gómez e Grosfoguel (2007, p. 131) que buscamos entender a diferença entre os dois termos:

[...] colonialismo denota una relación política y económica, en La qual la soberanía de un pueblo reside em El poder de outro pueblo o nación, ló que constituye a tal nación en um império. Diferente da colonização, ele (xxx) afirma que, La colonialidad se refiere a um patrón de poder que emergió como resultado Del colonialismo moderno, pero que em vez de estar limitado a uma relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a La forma como el trabajo, el concimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre si, a través del mercado capitalista mundial y de la Idea de raza.

No entanto, é através deste conceito de Gómez e Grosfoguel que, todavia, entendemos esse homem negro como um produto da modernidade e do capitalismo. Como afirma Mbembe (2014, p. 19) que, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital. Esse negro é, no entanto, visto como resultado de uma construção histórica de lutas e resistências constantes com outros seres. Assim sendo, é através do contexto relacional que analisamos o homem negro na sociedade moderna, sem, portanto, pensá-lo fora do sistema de colonização/colonialidade. Doravante, o olhar sobre esse homem negro na sala de aula é apresentado aqui através das mesmas perspectivas, uma vez que os sujeitos entrevistados pertencem às ex-colônias belga, inglesa, francesa e portuguesa e que as suas construções enquanto sujeitos não passa da relação com o outro ser diferente e idealizado por um discurso universal sobre o homem.

Ora, entender esse homem negro na sala de aula nos remete, portanto, fazer um flashback da historicidade deste. Entre os meados do século XVIII à XIX, com o nascimento do mundo moderno, muitos foram os debates sobre a questão racial que foram surgindo como manutenção do próprio sistema colonial nas colônias tanto africana como americana. Discussões essas que emergiu átona, segundo Mbembe (2014, p. 25), “um paradoxo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas, sobretudo de

infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes”. Ou como destaca Gómez e Grosfoguel (2007, p. 131) que:

[...] fue en el contexto de esta masiva empresa colonial, la más ambiosa em la história de la humanidad, que el capitalismo, uma relación económica y social ya existente, se conjuogo com formas de dominación y social ya centrales para mantener y justicar el control sobre sujetos colonizados.

Veremos que várias formas da relação entre o sujeito colonizador e colonizado vão ser demarcados cada vez mais a partir de questões raciais, ou seja, a raça, todavia, se tornará um marcador importante de separação e julgamento do caráter intelectual e moral entre os humanos. Neste contexto, a raça passa a ser essa ficção útil de manchar o outro diferente. Assim destaca Mbembe (2014) que, a África, de um modo geral, e o Negro, em particular, eram apresentados como símbolos acabados desta vida vegetal e limitada- pelos ocidentais. E que, o Negro, em particular, era exemplo total deste ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cuja negativa acabava por penetrar todos os momentos da existência, como, a morte do dia, a destruição e o perigo, a inominável noite do mundo (MBEMBE, 2014). O que podemos ver ainda nos dias de hoje, esse ‘outro-ser’ ainda visto ou apresentado a partir de discursos negativos advento da eficácia colonial.

Enquanto objetos de discurso e objetos do conhecimento, a África e o negro têm, desde o início da época moderna, mergulhado, numa crise aguda, quer a teoria do nome quer o estatuto e a função do signo e da representação. Nestas fontes batismais da nossa modernidade, pela primeira vez na história humana, o princípio de raça e o tema com o mesmo nome foram instaurados sob o signo do capital, que ele diferencia, portanto, do tráfico negreiro e as suas instituições das formas autóctones de servidão (MBEMBE, 2014).

Portanto, acreditamos também que apesar de se apresentar como denominador comum os conceitos de colonização e colonialidade concomitantemente com o mundo moderno, que visou reforçar a ideia de ‘raça’, é importante observar a relação entre a modernidade e colonização como dois momentos interdependentes, mas vale reforçar que este processo não foi contínuo e único em todas as regiões, ao contrário, ele se deu de forma diferenciada, uma vez que cada colônia era uma colônia diferente e que as relações de poder existentes nestes lugares se deram de forma específica.

Uma teoria racial e sobre raça na sociedade moderna

Foi a partir do século XVIII a XIX que novas teorias sobre a raça passaram a surgir como forma de retroalimentar o sistema colonial. Teorias essas introduzidas em tendências científicas da época. O positivismo, o evolucionismo e o darwinismo tiveram um papel importante na construção ou na idealização do conceito de raça na modernidade. Como afirma a historiadora Schwarz (1993) no seu livro ‘O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil’ que, os teóricos raciais do século XIX referiam-se constantemente aos pensadores do século XVIII, mas não de maneira uniforme.

É verdade que o século XXI já não é o século XIX, o período no decorrer do qual, a par da escalada colonial em África, assistimos a uma biologização decisiva da raça no Ocidente. Beneficiando do processo de globalização e dos efeitos contraditórios que o mesmo provoca por todo o lado, a lógica da raça volta, no entanto, a irromper na consciência contemporânea (MBEMBE, 2014, p.44).

Enquanto que a literatura humanista e, em especial Rousseau, apareciam como seus principais antagonistas- em sua defesa da noção de uma humanidade uno, isto é, já no século XIX, autores como Buffon e De Pauw eram apontados como grandes influências quando se tratava de justificar diferenças essenciais entre os homens. A época das grandes viagens inaugura um momento específico na história ocidental, quando a percepção da diferença entre os homens torna-se tema constante de debate e reflexão, isto é, através de conquistas de terras desconhecidas que levava a novas concepções e posturas (SCHWARZ, 1993).

Segundo Lilian, o conceito-chave na teoria humanista de Rousseau, a ‘perfectibilidade’ resumia- conjuntamente com a ‘liberdade’ de resistir aos ditames da natureza ou acordar neles, uma especificidade propriamente humana. Ou seja, como afirma Quijano (QUIJANO apud GOMÉZ; GROSFUGUEL, 2007, p. 132) a partir do artigo de Gómez e Grosfoguel quanto ao conceito de colonialidade do ser, “un rasgo característico de este tipo de clasificación social consiste em relación entre sujetos no es horizontal sino vertical.” O que indica através de uma análise crítica a percepção filosófica ocidental de se autorrepresentar como sujeito onisciente e central na relação com outros objetos que, portanto, na verdade, deve e deveria ser analisado numa relação entre sujeitos numa relação horizontal.

Essas teorias, posteriormente, vão aparecer no século XIX a partir de outros discursos, porém herdeira de uma visão tradicionalmente humanista. Com a revolução francesa no século XVIII emerge, no entanto, novas reflexões sobre a diversidade através dos políticos na

época, que vão pensar a humanidade enquanto a totalidade. Sendo assim, a igualdade de princípios era inscrita na constituição das nações modernas, delegando-se às ‘diferenças’ um espaço ‘moralmente neutro’ (SCHWARTZ, 1993).

De tal modo que vários pensadores que corroboraram com esse tipo de visão mais negativa da África e da América Latina. Mas dois merecem uma atenção maior, Buffon com sua tese da ‘infantilidade do continente’, e De Pauw com a teoria da ‘degeneração americana’. Assim, apesar de a unidade do gênero humano permanecer como postulado, Buffon apresenta que, um agudo senso de hierarquia aparecia como novidade. Por meio da obra desse naturalista observa-se que uma concepção étnica e cultural estritamente etnocêntrica delineava-se.

O debate se vê realmente polarizado com a introdução da noção de ‘degeneração’, utilizada pelo jurista Cornelius de Pauw. Pois, então, é visto a partir desses dois pesquisadores que acreditavam que os africanos, americanos não eram apenas ‘imaturos’ como também ‘decaídos’. Com efeito, o termo raça é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos. Ou seja, delineia-se a partir de então certa reorientação intelectual, uma reação ao iluminismo em sua visão unitária de humanidade, cujo novo suporte intelectual concentra-se na ideia de raça, que em tal contexto cada vez mais se vivia (SCHWARZ, 1993).

Appiah (1997) a partir de estudo sistematizado sobre a problemática das teorias raciais, apresenta algumas doutrinas com características específicas, as quais ele buscou articular a partir de três perspectivas cruciais. A primeira doutrina é a visão a qual ele chamou de ‘*racialismo*’. Para ele, existem características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que todos os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não têm em comum com membros de nenhuma outra raça, ou seja, faz parte do teor do *racialismo* que as características hereditárias essências das ‘raças do homem’ respondam por mais do que as características morfológicas visíveis, como, cor da pele, tipo de cabelo, feições do rosto, com base nas quais formulamos nossas classificações informais.

O racialismo não é uma doutrina que tenha que ser perigosa, mesmo que se considere que essência racial implica predisposições morais e intelectuais. Desde que as qualidades morais positivas distribuam-se por todas as raças, cada uma delas pode ser respeitada, pode ter seu lugar ‘separado, mas igual’. O que, de fato, não aconteceu durante todo esse processo relacional entre povos ou grupos diferentes. *O racialismo*, entretanto, é um pressuposto de

outras doutrinas que foram chamadas de ‘racismo’, e essas outras doutrinas têm sido, nos últimos séculos, a base de um bocado de sofrimento humano e a fonte de inúmeros erros morais (APPIAH, 1997).

[...] além do racismo anti-semita e do modelo colonial de bestialidade de grupos considerados inferiores, foram-se somando novas variantes de racismo, a partir de mutações das estruturas do ódio e de recomposição de figuras do inimigo íntimo. Ora pela exploração de origens genômicas das doenças em certos grupos, ora por geneologias das origens geográficas de indivíduos, o recurso genético tende a confirmar as tipologias raciais do século XIX (branco caucasiano, negro africano, amarelo asiático) (MBEMBE, 2014, p. 45).

Appiah (1997, p. 33) destaca, então, uma dessas doutrinas como ‘*racismo extrínseco*’. Segundo ele, os racistas extrínsecos fazem distinções morais entre os membros das diferenças raças, por acreditarem que a essência racial implica certas qualidades moralmente relevantes, como, por exemplo, a honestidade, a coragem ou a inteligência de alguém, seja este, índio, africano, americano ou asiático.

Outro conceito que ele apresenta é, portanto, o de ‘*racismo intrínseco*’. Para ele, os racistas intrínsecos são pessoas que estabelecem diferenças morais entre membros das diferentes raças, por acreditarem que cada raça tem um status moral diferente, independentemente das características partilhadas por seus membros. Ou seja, para Appiah, nenhuma quantidade de provas de que um membro de outra raça é capaz de realizações morais, intelectuais ou culturais, ou de que tem características que, em membros de sua própria raça, haveriam de torná-lo admirável ou atraente, serve de base para tratar essa pessoa como ele trataria os membros similarmente dotados de sua própria raça. Portanto, acreditamos que essas teorias por mais que tenham sido desenvolvidas nos séculos anteriores ainda estão muito presentes nos nossos dias.

Um caso particular desse homem negro e africano no Brasil

Falar de negro na sala de aula no Brasil anos atrás era quase um sonho. Devido ao processo de colonização do continente africano durante séculos, um conjunto de povo oriundo do continente africano foi desterrado de sua própria terra por fins econômicos e políticos para servir as colônias Europeias. Muitos deles marcados por adjetivos pejorativos e tratados como objetos. Estes chegaram à América com o propósito de se tornarem homens novos. Se o roteiro destes itinerários era tão difícil, quanto à separação dos seus familiares e laços construídos nas suas terras de origem, o desembarque nas terras alheias e vazias de esperança

era uma quase uma morte viva para aqueles (as) homens e mulheres. Essa história até os dias de hoje deixou marcas de forma consciente ou inconsciente na memória do homem negro em vários países do mundo, os quais eles (as) se encontram hoje.

O Brasil como outros países da América, desenvolveu-se como nação a partir da vinda dos europeus, do genocídio das populações indo-americanas e de um sistema econômico baseado na mão de obra escrava de populações africanas sequestradas e aprisionadas. Essa experiência que o povo africano teve no Brasil, mesmo após da abolição do tráfico de escravos no Brasil e implementação da Lei Áurea, de 1888, que extinguiu a escravidão no Brasil, à ausência de políticas públicas voltadas para inserção social tornou a população negra a margem da sociedade (FERREIRA; CAMARGO, 2013).

Esse negro africano foi negado mais uma vez de forma constitucional. Quando a sua liberdade noutra hora afirmada legal, mas a sua utilidade enquanto homem estava restrita ou quase inexistente nas políticas institucionais do país. Essas e outras experiências do africano e dos seus descendentes deixaram legados que até os dias atuais, de forma explícita ou implícita, observamos nas relações psicológicas e sociais destes indivíduos, que a pessoa negra traz do passado a negação da tradição de escravo, o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho e tem de lidar, no presente, com a constante discriminação racial e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor (FERREIRA; CAMARGO, 2013). É de fato desse passado cruel, que o presente ainda vive nas escolas, hospitais, nas ruas, nas igrejas, nos governos, etc. Outros preferem simplesmente, associá-los as questões culturais. Como escreve Ribeiro (1995, p. 117) que,

[...] essa parca herança africana - meio cultural e meio racial-, associada às crenças indígenas, emprestaria, entretanto à cultura brasileira, no plano ideológico, uma singular fisionomia cultural. Nessa esfera é que se destaca, por exemplo, um catolicismo popular muito mais discrepante que qualquer das heresias cristãs tão perseguidas em Portugal.

Isso por sua vez vem e tem abalado aquilo que é o desempenho do próprio homem negro quando se confronta com realidade do gênero, numa sociedade em que a diferença e diversidade não são apreciadas com o respeito. Ainda mais quando estas diferenças têm que partilhar os mesmos espaços sociais. Sendo assim, a crise começa quando o conforto do “eu” com o “outro” que, constantemente, estiveram em espaços aceitos são colocados juntos com os mesmos privilégios. Apesar de o trabalho ficar simplesmente na análise ou experiência de estudantes africanos da Universidade Federal do Maranhão, porém a categoria ‘negro’ é

tratada aqui a partir de uma construção social que advém de uma perspectiva na diáspora brasileira.

Para o antropólogo congolês Munanga (2012, p. 10), o racismo à brasileira, como os demais racismos que se desenvolveram em outros países, tem sua história diferente da dos outros e suas peculiaridades. Entre estas, continua ele, podemos enfatizar notadamente o significado e a importância atribuídos à miscigenação ou mestiçagem no debate ideológico-político que balizou o processo de construção da identidade nacional e das identidades particulares. Neste encontro de ideias, a miscigenação, um simples fenômeno biológico, recebeu uma missão política da maior importância, pois dela dependeria o processo de homogeneização biológica da qual dependeria a construção da identidade nacional brasileira. Nesse contexto que foi cunhada a ideologia do branqueamento, peça fundamental da ideologia racial brasileira, pois acreditava-se que, graças ao intensivo processo de miscigenação, nasceria uma nova raça brasileira, mais clara, mais arianizada, ou melhor, mais branca fenotipicamente, embora mestiça genotipicamente.

Como todas as ideologias, o branqueamento precisaria ser reproduzido através dos mecanismos da socialização e da educação (MUNANGA, 2012). É importante entender o papel das instituições na vida dos indivíduos no que toca a construção de um modelo social qualitativo para a sociedade que todo Estado deseja. Para Douglas (2007, p.20-21) os indivíduos são nada mais do que resultado das instituições. Existe uma relação entre a mente do indivíduo e a instituição, o indivíduo é nada mais do que produto das instituições. É interessante essa perspectiva, porque nos ajuda compreender a presença do negro no espaço. Neste sentido, que entendemos a razão de uma maioria branqueada nos espaços escolares, que inconscientemente não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo, como também na formação da autoestima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização idealizada da população branca. Só entendendo a historicidade da construção de identidade nacional brasileira através da categoria racial que, por sua vez, culminou nesta experiência que o homem negro tem tido até os dias atuais (MUNANGA, 2012).

Bento e Carone (2012, p.13) afirmam que, sem dúvida esses estudos tiveram suas precedentes históricas nas antropologias de Nina Rodrigues e Gilberto Freyre, mas proporcionaram um avanço significativo na visão de conjunto da falsa democracia racial brasileira. Um dos elementos mais intrigante dessa nova interpretação da realidade racial brasileira, já descolada da visão luso-tropicalista de Gilberto Freyre, era o conceito de ideologia do branqueamento. O branqueamento, segundo ela, poderia ser entendido, num

primeiro nível, como o resultado da intensa miscigenação ocorrida entre negros e brancos desde o período colonial, responsável pelo aumento numérico proporcionalmente superior dos mestiços em relação ao crescimento dos grupos negros e brancos na composição racial da população brasileira.

Sendo assim, a miscigenação entre negros e brancos, exaltada por Gilberto Freyre como um embrião da ‘democracia racial’ brasileira e base de nossa identidade nacional - ‘povo mestiço’, ‘moreno’- foi parte da escravidão colonial. Esses argumentos pró-branqueamento procediam, segundo ela, de modo geral, de uma adaptação brasileira da ‘teoria científica’ de Joseph Arthur Gobineau. O racismo de Gabineau estava fundado numa visão poligenista da humanidade e condenava o cruzamento inter-racial, que teria como consequências a perda da pureza do sangue da raça branca e superior e a produção de seres inférteis e incapazes- os sem raça, que viriam a comprometer o potencial civilizatório de nosso povo.

Diante do racismo ortodoxo de Gabineau que, a elite abolicionista, composta, sobretudo, de juristas e médicos, ficou extremamente dividida entre condenar a mestiçagem ou adaptar o discurso racista à realidade social do país. Foram, então, os juristas positivistas brasileiros, no entanto, que constituíram uma nova ordem de argumentos baseados na chamada ‘lei dos três estádios’, de Augusto Comte. Outra linha de argumentação pró-branqueamento se fundamentava no pensamento liberal a favor da modernização industrial do Brasil e da imigração de mão de obra europeia. Desde o período anterior à Abolição, já havia defensores da vinda de trabalhadores europeus para o desenvolvimento econômico do país, não só com produtividade maior da mão de obra europeia com relação a mão de obra negra escrava.

Portanto, vamos ver no Brasil que a ideologia do branqueamento era uma espécie de darwinismo social que apostava na seleção natural em prol da purificação étnica, na vitória do elemento branco sobre o negro com a vantagem adicional de produzir pelo cruzamento inter-racial um homem ariano plenamente adaptado às condições brasileiras (BENTO; CARONE, 2012). Ora, se nos períodos pré e pós-abolicionistas ela parecia corresponder às necessidades, anseios, preocupações e medos das elites brancas, hoje ganhou outras conotações em que, um tipo de discurso que atribui aos negros o desejo de branquear ou de alcançar os privilégios da branquitude por inveja, imitação e falta de identidade étnica positivista.

Para isso, é preciso que entendamos primeiro a construção das posições ideológicas sobre a raça, só assim compreenderemos melhor o discurso racial ou esse homem negro na sala de aula no seu contexto socio-histórico.

Uma ponte desconhecida entre Nações

Em busca de melhores condições educacionais no ensino superior, muitos são os africanos que emigram para outros países. O Programa Estudante- Convênio de Graduação e Pós-Graduação (PEC-G /PEC-PG) é um programa criado em parceria entre os países em via de desenvolvimento ou emergentes (assim são chamados politicamente) junto com o governo brasileiro e as Universidades Federais e Estaduais. Este programa visa formar estudantes nos estágios de graduação e pós-graduação em diversos cursos para posteriormente ajudar no desenvolvimento dos seus países de origem. Sendo assim, é o caminho pelo qual muitos estudantes africanos, latino-americanos e asiáticos buscam para concretizar os seus sonhos. Como afirma Silva (2015) no seu artigo apresentado na sétima Jornada de Políticas Públicas, cuja temática foi “*Ser Africano e Negro no Brasil: estudantes africanos da UFMA*”, que o processo migratório destes é, por sua vez, em princípio “temporário”, a partir de acordos bilaterais firmados entre países em desenvolvimento e o Estado brasileiro.

Todavia, acreditamos que as experiências bilaterais firmadas entre os grupos devem ser aproveitadas de forma que os grupos possam numa primeira instância dar a conhecer as nações dos acordos, para que haja uma troca de experiência sólida e harmoniosa, coisas essas que deveriam ter acontecido antes. Os programas PEC-G e PEC-PG ainda são desconhecido dentro da Universidade. Isso torna os estudantes africanos vulneráveis no país de destino, neste caso, o Brasil, quando estes ouvem de seus colegas que estão ocupando vagas de estudantes brasileiros. Como afirma um estudante do Benin, trocando ideias com estudante brasileiro foi-lhe dito o seguinte que eles estão aqui para tirar lugar dos estudantes brasileiros.

Aqui no Brasil, realmente, ser africano é difícil, porque primeiro as pessoas pensam que a gente vem aqui para tirar o lugar deles[...] E cada vez mais você é perguntado alguma coisa que você fica com vontade de xingar, é verdade, porque as perguntas que você ouve são bobas [...] provocativas que as vezes já sabem a resposta mas eles te perguntam. (Entrevista concedida em Abril de 2016 pelo Beninense, estudante de Biologia-UFMA).

Podemos notar a falta de esclarecimento entre alguns estudantes, fez com que a presença dos estudantes africanos causasse um constrangimento dentro das salas de aulas. Primeiramente pela construção imagética e o imaginário do continente e dos africanos que ainda está muito associada com a historicidade do homem negro trazido a força no processo de escravidão, isto é, de uma pessoa que vive num país ou continente do terceiro mundo e não

tem nada para oferecer, como, talvez um europeu, um asiático ou um americano teria. Assim destaca também o estudante angolano que as heranças marcaram tanto o homem negro que até hoje ele sofre por isso em diferentes esferas sociais:

Eu vou inverter um pouquinho, começar pela parte do negro e que, de um ponto de partida é tudo homogêneo, o negro brasileiro e o negro africano são todos colocados no mesmo saco, digamos assim, mas existe toda aquela construção sobre a imagem do negro. E algo muito interessante, um professor meu falava, ser negro nos Estados Unidos é muito diferente de ser negro no Brasil. Ser negro nos Estados Unidos está realmente muito relacionado com questão da raça, da cor, independentemente se ele é rico, se é milionário. Mas em relação ao ser africano acaba sendo um elemento diferenciador, acaba se estabelecendo um eixo vertical, até certo ponto estamos numa posição acima por conta dessas exotocidades. É o diferente, é de fora, tudo mais ganha esse estranhamento, mas ao mesmo tempo é muito instantânea, porque volta aquele lugar, que África é um lugar insustentável... África isso, África aquilo. Então, ser negro e africano no Brasil é ser encaixado dentro dos estereótipos construído historicamente e é uma tentativa contínua de desconstrução desse estereótipo que não é fácil, porque exige um posicionamento, que exige um domínio desses códigos para inverter esses códigos, as vezes é muito desgastante. (Entrevista concedida em Junho de 2016 pelo angolano, doutorando em Ciências Sociais).

Essas categorias, por sua vez, continuam marcando este estudante africano que ao chegar pela primeira vez ao Brasil, e desconhecendo a realidade local, teve que se deparar com uma realidade totalmente diferente do seu país de origem. Como aconteceu com esses estudantes que ao entrarem na sala de aula se viram distantes e isolados, por serem negros, por serem africanos e outros por não falarem a língua portuguesa fluentemente. Ou seja, para muitos deles, a maior dificuldade não é a questão financeira simplesmente, a adaptação cultural a partir de um olhar desconstruído da própria historicidade da África e do homem negro.

O negro brasileiro e o negro africano são todos colocados no mesmo saco, digamos assim, mas existe toda aquela construção sobre a imagem do negro. É algo muito interessante, um professor meu falava, ser negro nos Estados Unidos é muito diferente de ser negro no Brasil. Ser negro no Estados Unidos está realmente muito relacionado com questão de raça, cor independentemente se ele é rico [...] É negro ponto final, mas os estereótipos construído no Brasil sobre o negro, ele não se encaixa, por exemplo, ao Pele. (Entrevista concedida em Junho de 2016 pelo angolano, doutorando em Ciências Sociais da UFMA).

Conhecendo essas diferenças entre categorias sociais do homem negro a partir de olhares dos estudantes africanos tornou o campo mais interessante para compreender as relações deles na sala de aula, enquanto estudante negro, estrangeiro e africano. Ora, essas visões deixam o nosso olhar ainda mais rico naquilo que é a percepção do ser negro e africano no Brasil. Portanto, no âmbito da discussão sobre raça, buscaremos por último, compreender a

relação racial destes estudantes não só na sala de aula, mas também através de outros campos sociais, os quais estes tiveram experiência.

Quem é esse negro na sala na sala de aula?

Esse negro, no entanto, é um produto histórico da sociedade moderna. Esse negro passou a existir como resultado do processo de colonização e da colonialidade nos países cujos sistemas de colonização tiveram grandes impactos sociais e culturais. O negro, todavia, sujeito potencializado através do capital, cuja mão de obra barata e sangrenta o tornou cada vez mais forte. Este negro visto como um produto do capital e negado pelos direitos fundamentais das fábricas de ideias ditas modernas. Portanto, neste capítulo, buscaremos entender os olhares sobre ser negro e africano no Brasil a partir de um grupo de estudantes africanos da UFMA que se encontram no Brasil. A pesquisa tem como objetivo principal aprender e compreender os diferentes olhares e experiências dos destes na sala de aula, na verdade, a sala de aula por sua vez, vem explicar simplesmente a razão de eles estarem no Brasil, que é, de fato, a concretização do ensino superior.

Dentre tantas experiências e observações feitas por estes estudantes, um marcador importante que podemos identificar neles todos é a questão da memória colonial, ou seja, a construção da África enquanto um espaço de bárbaros e de não civilizados é para eles um símbolo do descontentamento. Quando observamos na fala de um estudante nigeriano afirmando que:

o professor falava um monte de coisa na presença dos colegas, inclusive me perguntou se tinha chegado aqui de navio negreiro. Uma vez que ele me olhou e estava com montede raiva [...] Eu olhei para ele e simplesmente ele me falou que a gente é civilizado. (Entrevista concedida em Abril de 2016 pelo estudante nigeriano, Graduado em Engenharia Química).

Percebemos que a questão da colonização, ela é essencial na construção do sujeito africano e negro, uma vez que está quase sempre inteligível na linguagem do sujeito colonizado. Este sempre buscará associar o negro africano a sua historicidade como forma de ofender este ser-outro. Sendo assim, observamos que estes olhares e experiências dos negros africanos devem ser analisados no âmbito da memória coletiva deste povo. Esta mesma memória que quanto mais eles procuram esquecer, porém é-lhe lembrado sempre. Como destaca o estudante de Angola que,

Ser negro e africano no Brasil é ser encaixado dentro dos estereótipos construído historicamente e é uma tentativa contínua de desconstrução desse estereótipo que não é fácil, porque exige um posicionamento, que exige um domínio desses códigos para inverter[...] as vezes é muito desgastante. (Entrevista concedida em julho de 2016 pelo estudante angolano, Doutorando em Ciências Sociais).

Isso, portanto, acontece em diversos espaços sociais que estudantes frequentam, mas é na escola que procuramos entender melhor o processo de socialização destes. Então, buscamos entender melhor a relação destes estudantes na sala de aula com outros estudantes brasileiros. O que se deve também levar em conta nesta pesquisa é que, mesmo a sala de aula ser um espaço restrito, porém um lugar pela qual as pessoas trocam diferentes tipos de diálogo ou experiências, isto é, tanto acadêmica como pessoais. Para o estudante congolês de Engenharia Elétrica ser negro e africano na sala de aula, “é aquela pessoa que vive num lugar onde só tem sofrimento e que está procurando refúgio [...] o negro é sempre que, quando for classificar as pessoas, ele sempre fica em último lugar”. Ou mesmo, quando o estudante nigeriano de Engenharia Química destaca que existe um racismo extrínseco no Brasil e que, torna difícil o negro atingir níveis melhores, “quando eu cheguei aqui no Brasil percebi que eu era negro em primeiro lugar e negro tinha limite [...] Até porque você pode ser muito inteligente aqui no Brasil, mas para negro falta oportunidade”. Essas e outras classificações do homem negro se deram através da construção ideológica do sujeito universal durante o processo de colonização, em que a classificação da intelectualidade ou da moral se dava a partir da raça. Ora, entender esses discursos é, no entanto, trazer à tona as mesmas discussões do processo de colonização na África, nas Américas e na Ásia.

Quando essas memórias tornam o sujeito negro e africano com autoestima baixa ao se ver a partir desse espelho recente que ainda reflete mágoas do passado é preciso que se analise com cautela o que de fato aconteceu com o passado deste sujeito. Por isso é importante entender a própria historicidade e os contextos estabelecidos em cada espaço de relação. Assim reforça o estudante angolano de economia da UFMA que:

Ser negro no Brasil é complicado. Porque o Brasil é um país misturado, um país que conviveu por muitos e muitos séculos com negros, brancos, indígenas. Apesar de cada um ter a sua posição social desde início, então se confunde a história brasileira escravocrata e a história moderna brasileira, pensa-se ainda o que aconteceu no passado a posição das classes societárias negros, brancos ainda é posição atual, então essa posição ela acaba chegando em pleno século XXI com a mesma estrutura só que modificações, por exemplo, tem pessoas negras que acabam se amontoando nos lugares chamado favelas, os brancos no centro e os indígenas acabam por ficar nas florestas, quer dizer que cada um ainda acaba ficar na posição semelhante praticamente a posição anterior durante a sociedade escravocrata.

(Entrevista concedida em Abril de 2016 pelo estudante angolano de Economia da UFMA).

Demonstra o quanto a hierarquia social ainda está vigente a uma reprodução não só racial como também social. Caso isso não venha a mudar, sempre ouviremos depoimentos como da estudante de farmácia da Guiné-Bissau que será sempre ouvida como uma saudação para todo negro em diferentes lugares, “ser africana principalmente aqui no Brasil é triste”. É triste porque a colonização que antes estava voltada para o sistema capitalista, com abolição do tráfico de escravo e mão de obra escrava, transformou o homem negro em consumidor, porém racializado em um grupo impuro tanto intelectualmente como moralmente. Assim, veremos que este sujeito impuro construído como não-universal foi tornando-se cada vez mais estigmatizado, porque o universo dos puros o restringia, transformando-o num ser anormal. A escola e outras instituições de socialização passaram a exercer funções importantes no processo de colonização e na construção de conceitos que até perturbam e perpetuam na sociedade até os dias atuais.

A eficácia disto se dá a partir de espaços racializados, como, escolas, hospitais, lugares de lazer e, etc. A herança da colonização deixou-nos com uma praga difícil de extinguir. A colonialidade passou a estar cada vez mais presente nos discursos dos colonizados de forma consciente ou inconsciente nós a reproduzimos. O sujeito colonizado foi se tornando cada vez mais o retrato do colonizador, as mesmas práticas comportamentais passaram a tomar conta dos dilemas na relação com o outro-ser diferente. E, como presente da modernidade a ‘raça’ passou a exercer essa função discriminatória. Consequentemente, o racismo vai se tornar este fenômeno resultado das relações entre grupos colonizadores e colonizados a partir da sociedade moderna. Quando observamos profissionais reproduzindo comportamentos raciais e instituições ficando inertes a situação demonstra-nos o quanto o projeto racial foi eficaz.

O primeiro contato com a sala de aula não posso dizer que foi algo bom. Não posso dizer que foi bom, porque foi algo triste [...] tive problema com um professor nas primeiras duas semanas. Eu entendia muito bem a língua portuguesa, agora comunicar era meio difícil, eu não conseguia conversar, mas eu escutava bem.
(entrevista concedida em Abril de 2016 pelo estudante de Engenharia Química).

Não querendo falar no assunto, mas, este estudante é o caso que deu muita repercussão a nível nacional na mídia brasileira. O caso do estudante nigeriano que sofreu racismo na sala de aula por ser africano e negro. O estudante nigeriano depois de dois anos na Universidade tivemos o prazer de tê-lo como um dos nossos entrevistados. Portanto, o que podemos notar durante as entrevistas é o trauma da experiência desagradável que este aluno teve e que ele

evita falar ou mencionar sobre o período que ele vivenciou. Uma situação que até os dias atuais o constrange muito só no fato de alguém falar ou tocar no assunto.

Ora vejamos que, situações como estas não foram únicas. Outras experiências também foram abordadas como o caso do estudante guineense de comunicação que fala da questão do racismo extrínseco em diversos espaços que ele vai, “quando alguém percebe que eu não sou brasileiro, ele tenta chegar perto, mas eu já percebi que já estava fugindo de mim, só que ele percebe que não sou brasileiro que ele se aproxima”. Ou ainda através de um determinado grupo, no caso de ser negro não brasileiro, torna esse negro africano em situação de não marginal. Assim reforça o estudante angolano do doutorado de ciências sociais que, “Se a gente analisar um banco e os seguranças desse banco, cerca de 80 % são negros, mas a partir do momento que se aproxima alguém negro, ele assume uma postura completamente diferente, ele se sente ameaçado, ele vigia mais o espaço.”

Ainda, doutro lado, também temos o racismo extrínseco por um falso elogio, quando percebe da falsa cordialidade na relação entre sujeitos brancos e não brancos em constantes tensões historicamente demarcadas. Como afirma a estudante de farmácia da Guiné-Bissau que, “assim, preconceito, preconceito nunca sofri aqui, mas tem gente que me olha [...] eu queria ter a pele que nem você, uma pele linda”. Portanto, o racismo extrínseco é o mais comum segundo Appiah, uma vez que ela trabalha com a questão da aparência simplesmente.

Diferente do racismo extrínseco que é principalmente através de um julgamento aparente, temos também o racismo intrínseco que nega o outro simplesmente por não fazer parte do mesmo grupo independentemente da aparência que este tenha. Que pode acontecer na negação de diferentes grupos. Isto acontece, portanto, quando um grupo acha que o outro por ser diferente não deve se misturar. Como afirma o estudante guineense de comunicação social que, “algumas pessoas insistem que tem se relacionar com pessoas da sua raça. Se negro procura se relacionar com negro também, se você é branco procura se relacionar com branco também [...] tentam dizer que os negros africanos só gostam de brancas”. Esse depoimento vem justificar a articulação das categorias raciais cada vez mais vigentes nos nossos dias de hoje. É, na verdade, uma manobra historicamente demarcada pela hegemonia esquizofrênica que entende a diferença como um obstáculo para as relações sociais.

Considerações finais

Consideramos que os olhares e as experiências dos estudantes negros e africanos da UFMA ainda estão muito associados às heranças da colonização na África e da presença da Kwanissa, São Luís, v.1, n.1, p.24-40, jan./jun. 2018

comunidade negra no Brasil em situação de escravidão, ou seja, destes sujeitos africanos e negros arquitetados pelas ideologias raciais com fins políticos e econômicos. O que resultou na construção de teorias de racialização ou assimilação em diversas colônias ocidentais, tornando assim algumas raças superiores às outras, como no caso do Brasil e de algumas colônias na África. Esse homem negro racializado após a abolição da escravidão, na ausência de políticas de inserção social, passou a ser visto à margem da sociedade brasileira. É a partir da historicidade do homem negro no Brasil, uma realidade desconhecida pelos estudantes africanos que buscamos apreender e compreender os diversos olhares e ter experiências do que é ser negro no Brasil. Porém, diferente do negro brasileiro, os negros africanos puderam sentir na pele o que ser negro e da África ao mesmo tempo. Isto tornou o trabalho ainda mais rico, uma vez que os olhares e as experiências dos estudantes africanos atingiu uma dimensão única por envolver quatro ângulos diferentes, como, África, o negro africano, o negro brasileiro e o outro universal. Sendo assim, concluímos que por mais que as bases da colonização tenham sido construídas da mesma forma. Os impactos das mesmas alcançaram dimensões totalmente diferentes em diversas colônias cujo negro ficou ou foi desterrado.

Referências

APPIAH, Anthony. **Na casa de meu pai: África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BENTO, Maria; CARONE, Iray. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. IN: Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. Petrópolis: Vozes, 2012.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 2007.

FERREIRA, Ricardo; CAMARGO, Amilton. Preconceito, exclusão e identidade do afrodescendente. In: **Processo de exclusão na sociedade contemporânea**. São Luís: EDUFMA, 2013

GOMÉZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más Allá del capitalismo global. In: MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre **La colonialidad Del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. Siglo Del hombre editores; Universidade Central; Instituto de Estudios sociales contemporâneas y pontificia Universidade Javeriana. Bogotá: Instituto Pensar, 2007.

MBEMBE, Achille. **Crítica a razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabenguele. Introdução. In: MUNANGA, Kabenguele. **Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SILVA, Anso da. Ser africano e negro no Brasil: estudantes africanos da UFMA. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 7., 2015, São Luís. **Anais JOINPP 2015**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/anais-joinpp-2015.html>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

Osmilde Augusto Miranda

Mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão e graduado em comunicação social-habilitação Jornalismo pela UFMA. E-mail: osmildemiranda@gmail.com.